



## **PIBIB SOCIOLOGIA UFCG: A CONTRIBUIÇÃO DA CULTURA INDÍGENA COMO CONTEÚDO PEDAGÓGICO NA ESCOLA ESTADUAL ENSINO MÉDIO E PROFISSIONALIZANTE Dr. ELPIDIO DE ALMEIDA DE CAMPINA GRANDE-PB.**

Priscila de Almeida Silva<sup>1</sup>; Erika Sonale Rodrigues de Souza

### **Resumo**

Este estudo presente trabalho procura avaliar, a questão sobre o conteúdo pedagógico da cultura indígena no ensino médio, a partir do estudo caso da Escola Estadual de Ensino Médio Dr. Elpidio de Almeida (PRATA), no qual este trabalho é a uma pesquisa conjunta ao projeto PIBID/Sociologia, propondo uma avaliação dinâmica na maneira de pensar e passar um conteúdo como pratica de iniciação a docência. Tendo como objeto geral a compreensão da imagem da cultura indígena reproduzida na educação escolar, para os alunos do ensino médio da escola Dr. Elpidio de Almeida, estabelecida na cidade de Campina Grande, localizada no estado da Paraíba. No presente estudo aplicamos metodologias a partir das abordagens qualitativas, desenvolvidas a partir da leitura bibliográfica sobre a temática indígena, tal como as experiências proporcionadas pelos PIBID/ Sociologia, para melhor dinamicidade e aprofundamento do estudo. Trazendo dos resultados o aprimoramento na explanação da abordagem da cultura indígena a ser perpassa para os alunos em sala de aula de maneira a não personificar e estigmatizar, desta forma construindo uma realidade que se insere em nosso meio social.

Palavras-chave: pedagogia, cultura, indígena.

### **Abstract**

This present study aims to assess the question about the educational content of the indigenous culture in high school, from the study if the State Preparatory High School Dr. Elpidio de Almeida (SILVER), in which this work is a joint research project to PIBID / Sociology, proposing a dynamic assessment in thinking and move content as an initiation practice teaching. Having a general understanding of the object zoomed image of indigenous culture played in school education for high school students of the school Dr. Elpidio de Almeida, established in the city of Campina Grande, in the state of Paraíba. In the present study we apply methods from qualitative approaches developed from the literature reading on indigenous issues, such as the experiences provided by PIBID / Sociology, for better dynamics and deepening of the study. Bringing the results improve in the explanation of the

---

<sup>1</sup> Aluna do curso de Ciências Sociais, Unidade Acadêmica de Ciências Sociais, UFCG, Campina Grande – PB, e-mail: priscilanina13@gmail.com.



indigenous culture permeates approach to be for students in the classroom so as not to embody and stigmatize, thus building a reality that is part of our social environment.

Keywords: education, culture, indigenous.

## **Introdução**

A cultura indígena tem papel fundamental para a origem social brasileira, com isso entendemos a necessidade de formar jovens que identifique o índio como parte integrante dessa sociedade, e, como ator fundamental na formação política, sociocultural e histórico, a partir de um ensino formador, tendo em vista o grande legado cultural que têm sobre esta nação. Este trabalho tem como objetivo analisar a construção da cultura indígena nos livros de ensino básico, utilizado pelo professor, analisar seu conteúdo e confrontar com as questões que dizem respeito a uma abordagem real e não personificada da cultura indígena, bem como compreender qual a visão atual dos estudantes para com a cultura indígena no Brasil, no qual este trabalho é a continuação da pesquisa realizada na disciplina de Métodos e Técnicas de Pesquisa I junto com o projeto PIBID, ou seja, será avaliado neste trabalho o conteúdo pedagógico em relação à originalidade e forma como a cultura indígena é transmitida para os estudantes do ensino médio da Escola estadual E.M.P Dr. Elpidio de Almeida de Campina Grande-PB.

A escola, ao longo da história do Brasil, tem cristalizado imagens sobre os índios, que condicionam a visão das crianças e jovens. Com isso terminar favorecendo a exclusão ou, pelo menos, o esquecimento da presença indígena na sociedade e na cultura brasileira. As escolas comuns, do ensino médio, quando falam dos índios, costumam a apresenta-los aos alunos em constates com o que seriam os brancos, tomados como o termo referente, como se branco caracterizasse a “sociedade nacional”, na qual o indígena seria apenas “o outro”. Nos livros didáticos, os índios eram quase sempre enfocados no passado. Aparecendo como coadjuvantes e não como sujeitos históricos, à sombra da atividade dos colonos europeus. Os índios do presente e do futuro tendiam a ficar ocultos, como se fossem desaparecer por um processo natural de desenvolvimento. Assim, predominava a



noção de um índio genérico, ignorando a diversidade cultural que sempre existiu entre essas sociedades. Apenas nos últimos anos houve a inclusão da pluralidade como valor positivo de fato e o conseqüente reconhecimento dos indígenas como parte importante da nossa sociedade e sua cultura como significativa na conformação da nacionalidade brasileira. Esse processo não deixa de apresentar contradições, com políticas escolares que a um só tempo defendem a pluralidade e mantêm esquemas de classificação que excluem o índio da sociedade brasileira – estas contradições aparecem traduzidas nas representações que os alunos fazem dos índios e nos poucos conhecimentos que revelam ter sobre a temática indígena. Assim o grande desafio há mais de duas décadas de regime democráticos, consiste em fazer com que a escola possa, de maneira efetiva, incluir a temática indígena na sala de aula. A escola por seu papel de formação da criança adquire um potencial estratégico capaz de atuar para que os índios passem a ser considerados não apenas um “outro”, a ser observados a distância, desprezo ou admiração, mas como parte de uma sociedade diversificada que é a brasileira. O contexto em que surgiram essas novas leis e parâmetros para a educação brasileira, implicou que a escola procurasse preparar o aluno para ser um trabalhador que correspondesse e reproduzisse os padrões do capital mundial. A intenção é de formar um sujeito empreendedor, criativo, competitivo, apto para as mudanças tecnológicas constantes. No que se refere à Lei 11.645/08<sup>2</sup>: percebemos como resultado de um processo histórico das mobilizações tanto dos povos indígenas, quanto de instituições não governamentais e outros grupos sociais, em prol do reconhecimento e respeito às sociodiversidades étnico-raciais que perpassou o âmbito nacional.

O texto deverá ser elaborado em formato Word na versão 2007 ou inferior, tamanho A-4, contendo de 08 a 12 páginas, margens superior/esquerda 3,0 cm e inferior/direita 2,0 cm. Deve ser empregada fonte Arial, corpo 12, justificado e espaçamento 1,5.

---

<sup>2</sup> Em 10 de março de 2008, a lei se responsabilizou por alterar e estabelecer novas diretrizes e bases à educação nacional, tornando obrigatória à temática “Historia e Cultura Afro-Brasileira e Indígena” nas salas de aula.



Na seção introdução deverá ser breve e justificar o problema estudado de forma clara, utilizando-se revisão de literatura. Os objetivos deverão estar explícitos no final da introdução. No corpo do texto poderá conter tabelas e/ou figuras.

## **Metodologia**

O presente trabalho foi desenvolvido a partir da leitura bibliográfica sobre a temática indígena, tendo as experiências vivenciadas em sala de aula proporcionadas pelo PIBID (subprojeto sociologia), para então chegar ao entendimento do contexto educacional na pesquisa. Em nível de pesquisa aplicamos os métodos qualitativos pra saber ate que ponto vai nossa deficiência em aplicar a cultura indígena em sala de aula, onde teremos nossas pesquisas e nosso foco a partir disciplina de sociologia ministrada na escola.

Neste contexto só a partir das teorias clássicas da sociologia se poderá chegar a um entendimento mínimo do que é “pensar a educação”, sem isso não temos como nos confrontar com os dilemas de distorcem a construção da cultura indígena como ensino e aprendizagem não só no estudo sociológico mais em toda realidade social, pois as influencia indígenas fazem parte de nossa herança cultura e histórica. Tendo em vista a explanação dos três principais teóricos que deram particular relevo às questões relacionadas com a educação, no qual neste domínio esta: Karl Marx, Émile Durkheim e Max Weber. No pensamento marxista, a educação é um lugar de produção ideológica dos interesses dominantes (a burguesia); em Durkheim, a educação é apresentada como instituição integradora essencial à ordem social, já no ponto de vista weberiana, a educação é fonte de um novo principio de controle, enquanto racionalidade instrumental de dominação burocrática. Se em Marx a educação pode oprimir ou emancipar o indivíduo, ou seja, no sentido de libertação; em Durkheim, a educação é a construção pelo qual ele se contorna membro de uma sociedade. Weber vai mais longe: a educação é fator de escolha e de estratificação social. Marx e Durkheim centraram-se no poder das forças externas ao individuo; Weber centrou-se na capacidade de ação do individuo sobre o exterior.

Os três autores partilham uma orientação comum, apesar das divergentes abordagens teóricas, no qual unanimemente trataram a educação como instituição social macroscópica, e não um acumulado de organizações ou como um conjunto de coletividade, nem um amontoado de propriedades separadas, onde Marx, Weber e Durkheim colocaram também firmemente a instituição educacional na estrutura social e sua analogia com outras instituições eram a chave para abarcar um esforço da mudança educacional. Apesar de só



Durkheim tenha teorizado intensamente sobre as reais construções de desenvolvimento educacional, nenhum deles deixou dúvidas de que esta deveria ser uma parte integrante das macroteorias.

Pra Marx, a modificação educacional nasceu do jogo dialético entre infra-estrutura e super-estrutura, onde para Weber, ela estava associada à dinâmica de burocratização, já para Durkheim, ela estaria, e deveria estar, unida a ação política e, deste modo, ao aumento de uma sociedade orgânica integrada e normativa.

Tendo foco a partir deste contexto o pensamento durkheimiano, que serviu de base e ofereceu as técnicas fundamentais para a edificação de uma sociologia da educação muito dominante ao logo do século XX. Um dos mais importantes sociólogos a avaliar a educação contemporânea sob influência do modelo de Durkheim é o também francês Pierre Bourdieu, onde neste momento trata-se aqui de um modo mais impactante do que o padrão de Durkheim, que leva às últimas consequências o ponto de partida segundo o qual o indivíduo estão submetidos ao controle das estruturas da sociedade.

Colocando em meio ao cenário do presente estudo que é a relação da construção da cultura indígena na pedagogia do ensino, se constrói a partir destas teorias uma visão mais abrangente sobre a problematização do conteúdo ministrado, onde as sociedade são condicionada a aceitar e inculcar na educação leituras que priorizam de forma camuflada a elite predominante no país, como segundo o autor Bourdieu aponta somos “uma espécie de marionetes das estruturas dominantes” (RODRIGUES, 2001. p. 80). Uma das obras de Pierre Bourdieu que abrange uma verificação ampla sobre a produção e reprodução do sistema de ensino esta no seu livro “*A reprodução: Elementos para uma teoria do sistema de ensino*”, foi um dos elementos principais para a desnaturalização dos métodos pedagógicos passado em sala de aula e reformo para o presente estudo.

De inicio se detendo ao contexto histórico para se falar das propriedade do livro de Bourdieu “A reprodução”, se detém a partir do momento em que 1960 o modelo educacional passa por uma crise a partir da elaboração de Bourdieu, pois segundo os autores se encontrava na escola a resposta para a origem das desigualdades escolares. Antes dessa análise mais crítica se supunha que, através da educação pública e gratuita, seria resolvido o problema do acesso à educação, e com isso seria garantida a igualdade de oportunidade entre todos os cidadãos. Bourdieu oferece um novo modo de interpretação da escola e da educação.



Foi no ano de 1970 que Pierre Bourdieu em parceria com Jean-Claude Passeron, analisou o funcionamento do sistema escolar francês e concluiu que, em vez de ter uma função transformadora, ele reproduz e reforça as desigualdades sociais. Quando a criança começa sua aprendizagem formal, segundo os autores, é recebida num ambiente marcado pelo caráter de classe, desde a organização pedagógica até o modo como prepara o futuro dos alunos. Para construir sua teoria, eles criaram uma série de conceitos, como:

- *Habitus* e capital cultural. Todos partem de uma tentativa de superação da dicotomia entre subjetivismo e objetivismo.

Nota-se que a função da educação é a reprodução das desigualdades sociais, em que os marginalizados são as classes dominadas, que dentro da escola aprendem a lógica burguesa e devem reproduzi-la em suas práticas sociais.

#### Violência Simbólica

- Segundo os autores o poder da violência simbólica impõe significações como legítimas, dissimulando as relações de força que lhe subjazem.
- Nas relações sociais em que o vínculo é de domínio/submissão, os dominados, inconsciente e involuntariamente, assimilam os valores e a visão do mundo dos dominantes e desse modo tornam-se cúmplices da ordem estabelecida sem perceberem que são as primeiras e principais vítimas dessa mesma ordem. Não são violentados nem por palavras nem por atos, aparentemente não há coação nem constrangimento, mas a violência continua lá sob forma sutil e escondida, sob forma de violência simbólica: o modo de ver, a maneira de valorar, as concepções de fundo são as dos dominantes, mas os dominados ignoram totalmente esse processo de aquisição e partem ingenuamente do princípio que essas idéias e esses valores são os seus. de força encontram-se sempre dissimuladas sob a forma de relações simbólicas.
- A relação de domínio não é percebida como uma relação de força em que o mais forte impõe a regra e a norma ao mais fraco, e, não se compreendendo que deve ter começado algures no espaço e no tempo, é aceite como um dado, uma



inevitabilidade e desse modo é naturalizada. Acontece ainda que as instituições religiosas, políticas, sociais e culturais convergem no sentido de reforçarem esta característica.

- Poderia parecer que a violência simbólica se exerce apenas sobre os dominados, mas não é assim. Para que o domínio se perpetue e não seja detectado e denunciado, é preciso que não só as identidades dos dominados, mas também as dos dominantes sejam construídas em conformidade com estes dois modelos de comportamento, não se desculpando a mais leve transgressão, o mais ligeiro desvio à norma. É por isso que «um homem não chora»; que um menino que gosta de brincadeiras menos agressivas é um «mariquinhas», que certas profissões são impróprias para homens, etc. etc. – é preciso garantir a reprodução das estruturas de domínio. Cada homem está também sob a pressão constante de afirmar a sua virilidade e a sociedade é implacável para aqueles que são “frouxos” – é preciso garantir a manutenção dessas estruturas. Esta pressão começa cedo, na escola, os meninos perseguem sempre aquele que parece não se conformar à norma e, pela vida fora, qualquer homem sente que tem de estar à altura da ideia que tem do que é ser homem.
- **Apreciação Crítica:** A Escola prolonga os determinismos sociais ditados pela classe de origem, assim como os de gênero. Há uma espécie de profetismo sociológico inelutável que não parece muito consonante com os “novos tempos.”
- Também nos parece importante refletir sobre o conceito de ação pedagógica como um exercício de violência simbólica de inculcação de arbítrios culturais, assim como sobre a necessidade que as relações de força têm de se ocultarem sob a forma de relações simbólicas. Portanto, a ideia de que há uma relação de comunicação (paridade) entre a autoridade pedagógica e quem a ela se submete, pode ser, segundo os autores, ilusória.
- Também encontramos uma desmistificação de duas ideologias que ainda norteiam as políticas de educação, a saber: o “economicismo”- ligação estreita entre a escola e o sistema produtivo - e a “neutralidade” - reprodução dos valores nacionais assente na meritocracia (ideologia do dom).
- A ação pedagógica reproduz a cultura dominante, reproduzindo também as relações de poder de um determinado grupo social.



- O ensino encarnado na ação pedagógica tende a assegurar o monopólio da violência simbólica legítima.
- Assim, toda a ação pedagógica deverá ser considerada como violência simbólica, na medida em que impõe e inculca arbítrios culturais de um modo, também ele, arbitrário.
- A ação pedagógica é, como dizem os autores, “força pura e pura razão” que recorre a meios diretos de constrangimento na imposição de significações. Pelas relações de força e sua reprodução, o arbítrio cultural dominante tende a ficar sempre em posição dominante, o que origina a ação pedagógica dominante (classes superiores) que tende a impor e a definir o valor do mercado econômico e simbólico à ação pedagógica dominada (classes inferiores).
- A ação pedagógica constitui-se sempre como uma violência simbólica porque visa impor e inculcar certas significações, selecionadas umas e excluídas outras. Esta seleção arbitrária é sempre feita por um grupo ou classe. A seleção de significados é arbitrária porque não reside numa “natureza humana” ou numa “natureza das coisas”. Contudo, a seleção de significações que deriva objetivamente de um grupo ou classe é socialmente necessária.

Com todo problematização contextualizadas a partir da obra de Bourdieu e Passeron, consegue-se perceber o fato real e o ponto que culmina toda a pedagogia que é incorporada em sala de aula, de maneira evidenciar uma anomalia estrutural no qual a violência simbólica transmite para determinada sociedade e padrão distorcido sobre sua imagem, onde esta é inculcada e reproduzida a partir da educação projetando em seu seio um naturalismo desmedido, no que rege a cultura indígena sobre esses aspectos citados.

## **Resultados e discussão**

Nos Resultados e Discussão deverá conter os dados obtidos, podendo ser apresentados, também, na forma de tabelas e/ou figuras. A discussão dos resultados deverá estar baseada e comparada com a literatura utilizada no trabalho de pesquisa, indicando sua relevância, vantagens e possíveis limitações.



## Considerações Finais E Resultados

A partir das leituras sobre a temática indígena e a experiência em sala de aula proporcionada pelo projeto PIBID, se vê que a escola tem ao longo do tempo cristalizado imagens sobre os índios, que condicionam a visão das crianças e adolescentes. A escola por seu papel de formação do jovem adquire um potencial estratégico capaz de atuar para que os índios passem a ser considerados não apenas como “o outro”, a ser observados a distância, desprezo ou admiração, mas como parte de uma sociedade diversificada que é a brasileira. Este estudo possibilita uma ampla avaliação não só sobre o conteúdo didático dos livros, mais sobre a formação dos professores e suas capacidades e habilidades ao tratar da cultura indígena, uma vez que há incentivos nas políticas educacionais que tratam da restrição aos materiais apenas fornecidos pelas entidades governamentais sobre a cultura indígena. Essa reflexão da prática de ensino nos estimula para melhor qualificação entre professor e aluno, no modo de transmitir e de absorver não só uma história mais uma realidade cultural de uma comunidade que faz parte de nossa identidade brasileira.

## Referências

### Referências Bibliográficas

- ARELARO, Lisete Regina Gomes. Resistência e Submissão. A reforma educacional na década de 1990. In: Nora Krawczyk, Maria Malta Campos, Sergio Haddad, (organizadores). **O cenário educacional latino-americano no limiar do século XXI: reformas em debate** – Campinas, SP: Autores Associados, 2000;
- **BOURDIEU** Pierre ; **PASSERON** Jean-Claude , A reprodução: Elementos para uma teoria do sistema de ensino, (Tradução: Reynaldo Bairão e revisada por Pedro Benjamin Garcia e Ana Maria Baeta), Ed. Vozes 2ª edição 2009, 266 pp;
- SILVA, Maria da Penha. A Diversidade Etnico-racial na escola e a Temática Indígena em questão: discutindo políticas públicas para a efetivação da lei 11.645/08.2012;



- RODRIGUES, Alberto Tosi. Sociologia da Educação. – Rio de Janeiro: Lamparina, 2011, 6 .ed, I. reimp. 8000 exemplares.